

Paulo Freire & Lacan: Liberty, Language and Knowledge

Professor PHD Paulo Arthur Buchvitz

Psychologist by Metodista/SP University

Master in Psychology of Education by PUC/SP

PHD in Education and Psychoanalysis by USP/SP

Coordinator of Psychology Course at ISECENSA/RJ

Abstract

The Pedagogy of Paulo Freire is completely personal; it comes from his life and knowledge of reality, developed among oppressed and exploited men. In Freire's opinion, knowledge comes from "Praxis" that is the action and reflection of the group reality, aiming to free the oppressed man. Education is the construction of the individual, through dialogue that announces and denounces practices from the domineering class.

As far as Lacan is concerned, the word needs to be passed on the student, in order to rescue his language and speech, encouraging the processes of the individual constitution, to construct, by significant, which is the own comprehension of knowledge, the learning in a unique way. The word expresses the unique significant of each individual in a unique way, creating in the student his own language to the construction of his learning, it means, the own way to speak his learning.

Through language and speech, the content of the students' speeches is retrieved, showing that the word has something beyond concept and sense. It constructs and reconstructs life, creating a new significant of the inside reality of the learners.

Correspondence:

Rua Salvador Correa, 139 - Centro
28035-310 - Campos dos Goytacazes - RJ
Phone number: +55 (22) 2726.2727
Fax: +55 (22) 2726.2720
www.isecensa.edu.br
e-mail: isecensa@isecensa.edu.br

Key works:

A Disciplina

Para Paulo Freire, a educação bancária (burguesa) tem os mecanismos opressivos do capitalismo: *Cuja essência é a disciplina. É pela discussão da constituição histórica da consciência dominada e sua relação dialética com a consciência dominadora* (FREIRE, 1999:28).

Nesta concepção predominam as relações narradoras e dissertadoras do professor para o aluno, em que a educação pode tornar-se um ato de depositar (como nos bancos) o conhecimento na mente dos alunos, levando a crer que o saber é uma doação dos que se julgam sábios aos que nada sabem.

A educação bancária objetiva preservar a dicotomia entre os que sabem e os que não sabem, entre oprimidos e opressores, negando a palavra (diálogo) que é a mediatizadora da libertação da classe popular.

Sendo assim, o educador pensa e os educandos são pensados; o educador diz a palavra e os educandos escutam; o educador opta e prescreve sua opção e os educandos a seguem; o educador escolhe o conteúdo programático e os educandos o aceitam; o educador é autoridade que se opõe à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele; o educador é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos (FREIRE, 1999:59).

Paulo Freire rejeita a educação bancária, porque o educador é o agente de todo o processo educativo, os educandos são os ignorantes e por tal processo educativo jamais haverá a libertação: *Na concepção bancária, permita-se-nos a repetição insistente, o educador vai “enchendo” os educandos de falso saber, que são os conteúdos impostos* (FREIRE, 1999:71).

Os educandos são meros espectadores do mundo incapazes de

pronunciá-lo e de transformá-lo; a educação anestesia, porque lhes inibe o poder criador. Em Freire, o diálogo torna-se verdadeira comunicação, que leva os homens a se simpatizarem, em um encontro amoroso mediatizado pelo mundo: (...) *isto é, o transformam e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos* (FREIRE, 1980:43).

A educação ocorre na relação de autêntico diálogo entre professor e educandos, que leva à reflexão sobre a realidade e a ação. O professor precisa (...) *saber que ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção* (FREIRE, 1999:52).

A palavra

Paulo Freire propõe a libertação do homem pela palavra, pelo diálogo crítico da fala e da vivência, em uma relação horizontal, oposta ao elitismo: *O que é o diálogo? É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade. Nutre-se do amor, da humanidade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação* (FREIRE, 1989:107).

O aluno começa o processo de mudança, descobrindo-se, criticamente, como construtor da cultura de seu mundo. Na relação dialógico-educacional parte-se sempre da realidade do educando, de seus conhecimentos e experiência, para construir o conhecimento novo, uma cultura vinculada aos seus interesses e não ao das elites.

A palavra do homem o transforma e humaniza, deve ser ação e reflexão, tornando-se práxis e ação prática, é transformadora:

(...) *pronunciar a verdadeira palavra é transformar o mundo* (FREIRE, 1980:40).

O educador e o educando juntos devem pronunciar, transformar e humanizar a realidade para a libertação do homem, fomentando a vivacidade, a impaciência, a invenção, a reivindicação, em um processo ativo, dialogal, participante e horizontal.

O homem é um ser de comunicação, necessitando do outro para estabelecer o diálogo, tendo o direito de pronunciar sua palavra. O próprio homem é palavra e, ao moldar as coisas, sua consciência se relaciona com o mundo: *Um ser capaz de relacionar-se; de sair de si; de projetar-se nos outros; de transcender (...) Há o perigo de estar na história, ser história sem viver na história, mas na alienação* (FREIRE, 1979:30).

Assim, a forma de alfabetização é o diálogo. Segundo Freire, ninguém educa ninguém e ninguém se educa sozinho. A educação é um ato coletivo e solidário, de amor, não pode ser imposta, porque educar é uma tarefa de trocas entre pessoas, educandos e educandos e educadores. De lado a lado se ensina, de lado a lado se aprende: *Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo (...) o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa* (FREIRE, 1999:68).

A Libertação

A educação libertadora, também chamada de problematizadora, não pode ser o ato de depositar, narrar, transferir ou transmitir conhecimentos: *A educação problematizadora coloca, desde logo, a exigência da superação, da contradição educador educandos. Sem isto, não é*

possível a relação dialógica, indispensável a cognoscibilidade dos sujeitos. Cognoscentes, em torno do mesmo objeto cognoscível (FREIRE, 1999:68).

Educação é prática da liberdade (FREIRE, 1979:3). Questiona os métodos de alfabetização puramente mecânicos, propondo a alfabetização como ato de criação, capaz de gerar outros atos criadores, na qual o indivíduo é sujeito, não objeto: *Uma metodologia que fosse um instrumento do educando, e não somente do educador, e que identificasse o conteúdo da aprendizagem com o processo de aprender* (FREIRE, 1980:41).

A conscientização da práxis deve ocorrer pelo diálogo, para torná-la verdadeira libertação, que é, no caso, a ação e a reflexão para a transformação da realidade opressora, assim, eles serão seres utópicos, denunciadores e anunciadores da nova realidade, a realidade mais humana no mundo de homens também mais humanos. *É preciso, portanto, fazer desta conscientização o primeiro objetivo de toda a educação: antes de tudo, provocar uma atitude crítica e de reflexão, que comprometa a ação* (FREIRE, 1980: 40).

O meio de libertação para a educação é o diálogo, pelo qual pode haver a superação da dicotomia entre educador e educandos proposta pela educação problematizadora. Os mestres são levados a uma proximidade maior do aluno, induzindo-me a ponderar que o professor constrói o saber com o aluno leva-o a repensar o conhecimento.

A libertação só será realidade, quando os homens forem capazes do diálogo, não um diálogo superficial, mas responsável, que leva ao pensamento crítico para a superação. A dialogicidade leva à humanização, pela qual os homens, paulatinamente, criarão a nova realidade, sem oprimidos nem opressores, mas no caminho da libertação. Essa é a pedagogia da libertação.

A Linguagem

O discurso pedagógico proposto por Paulo Freire, ainda que denuncie a palavra inautêntica, circunscreve-se ao social, podendo tornar a palavra um discurso vazio, não libertador. Por isso mesmo, a palavra deveria sempre remeter, segundo Lacan, ao diálogo e à relação, que ata o sujeito e a linguagem, o significado e o significante. Em caso contrário, evidencia-se a *apalavra*, que designa um outro tipo de palavra que pode remeter ao monólogo, ao gozo e ao verbalismo.

Lacan teria feito uma transição da língua a *alíngua*, da palavra à *apalavra*. Da palavra como diálogo, *apalavra* como monólogo, fixado e mantido pelo gozo. A base da pulsão é o gozo, a *apalavra* onde o sujeito goza pela palavra vazia. No Brasil, o blá-blá-blá pode ser remetido à fofoca, ao ficar falando mal do outro, e, ao mesmo tempo, ficar sem fazer nada para transformar a sua vida. É da ordem da pulsão um falar, falar, falar; mas não fazer nada para mudar.

Para além da linguagem direta entre os sujeitos, é preciso levar o aluno a uma transferência trabalho, e esta é criada pela linguagem e fala, ou seja, não tomar o que foi dito como tendo um único sentido ou significação.

É entender a linguagem e a fala como processos em constante movimento, não transformá-los numa língua morta, já previamente identificada pelo professor, a partir da sua própria cadeia de símbolos e imagens, dando a importância da apreensão da linguagem e da fala como processos vivificadores.

O Inconsciente

A pedagogia da libertação tem o escopo de libertar o homem cultural e coletivamente das opressões impostas pela

sociedade dominante, mas para que isso aconteça é preciso também se levar em consideração o sujeito inconsciente de cada aluno, que fala para além do ego e de toda intersubjetividade.

Para Lacan, o sujeito passa além dessa vidraça (ego) onde sempre se vê, amalgamada, sua própria imagem, tendo a impressão de que há passagem para uma espécie de a-lógica. O conhecimento humano e as relações do consciente são construídos por um certo vínculo com a estrutura do eu, em torno da qual centra-se a relação imaginária.

A relação de linguagem, que está além desse eu, (...) *ensinou-nos que o ego nunca é apenas o sujeito, que ele é essencialmente relação ao outro, que ele toma seu ponto de partida e de apoio no outro. É a partir deste ego que todos os objetos são olhados (...) neste para além da relação imaginária onde o outro está ausente e onde aparentemente toda intersubjetividade se dissolve* (LACAN, 1995:224).

Com isso compreende-se, a partir de Lacan, que o inconsciente do sujeito é estruturado como uma linguagem, que esclarece por se colocar como aparelho de gozo, passando o aluno a gozar na linguagem e na palavra formas de aprender. Não se concebe a palavra e a linguagem como uma inserção apenas cognitiva, revelando que o sujeito quer gozar, o sujeito goza com a linguagem e a palavra, não determinado por conceitos ou teorias. Assim, para resgatar o aluno é preciso procurá-lo em outro lugar, isto é, na sua própria fala, ação e linguagem.

O Saber

O professor precisa sair do plano das certezas pedagógicas para possibilitar a construção do saber, pois uma palavra é sempre uma variável a ser investigada, não

uma resposta prevista nos códigos sociais de comunicação.

Há uma série de processos de que o educador não consegue dar conta, desconhece os mal-entendidos da linguagem e palavra. Estas não têm um único sentido ou emprego, mas um sentido a mais, de muitas funções. Porque, atrás de um discurso, existe o que quer dizer e atrás do dizer, há outros dizeres, nunca se esgotando.

A linguagem não pára nem a educação. Ambas estão sempre se estruturando de uma forma nova que não se consegue acompanhar, devido aos conceitos e imagens previamente estabelecidos pela pedagogia. O professor pára o processo, mantendo-se no que já sabe, tentando moldar a aprendizagem à sua imagem e semelhança.

Os professores costumam desqualificar a fala e reduzi-la a processos

concretos, não permitindo que se perceba que o professor e o aluno são efeitos do discurso pedagógico estabelecido na e pela linguagem.

Reflexão Final

No conto *A terceira margem do rio*, de Guimarães Rosa, um homem deixa o convívio familiar para viver numa canoa que flutuava rio afora, vindo às margens somente para pegar o alimento colocado pelo filho. Assim, ao se colocar a palavra em circulação em sala de aula, ou seja, ao se passar à palavra para o aluno, ele cria e recria os seus dizeres, instituindo-se um aluno que seja capaz de construir a sua história de vida.

Bibliografia

- FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- _____. *Conscientização: Teoria e Prática da Libertação: Uma Introdução ao Pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980.
- _____. *Extensão ou Comunicação?* 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- _____. *Ação Cultural para a Liberdade e Outros Escritos*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- _____. *A Importância do Ato de Ler*. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 1983.
- _____. *Uma Escola Chamada Vida*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1985.
- _____. *Educação como Prática da Liberdade*. 19ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- _____. *Pedagogia da Autonomia*. 11ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. *Pedagogia do Oprimido*. 27ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- LACAN, Jacques. *Os Complexos Familiares na Formação do Indivíduo* (1938). Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- _____. *O Estágio do Espelho como Formador da Função do Eu* (1949). IN: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. O Seminário: Livro 7. *A Ética da Psicanálise* (1959 - 1960). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- _____. O Seminário Livro 8. *A Transferência* (1960 - 1961). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- _____. O Seminário: Livro 11. *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- _____. O Seminário: Livro 17. *O Averso da Psicanálise* (1969 - 1970). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- _____. O Seminário: Livro 20. *Mais, Ainda* (1972 - 1973). 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.